



recontado por HANSENHARRYEBM

alice cooper BILLION DOLLAR BABIES

39

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

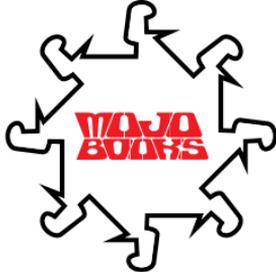
Danilo Corci
organizador



VOLUME 39

BILLION DOLLAR BABIES
alice cooper

recontado por
HANSENHARRYEBM



VOLUME 39

BILLION DOLLAR BABIES
alice cooper

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Setembro de 2007

HELLO HOORAY

Estou sentado na privada há horas. Contemplo o nada. Está escuro aqui, mas não tenho nada que queira enxergar. Estou apenas estático sentindo o efeito de um monte de psicotrópicos. Mal consigo me mexer, tenho até vontade de gritar, mas a voz não sai, a boca mal se mexe. Tento relembrar a cadeia de acontecimentos que me trouxe a este ponto.

Mary Ann. Todos os caminhos me levam até Mary Ann, é como se mais nada na minha vida tivesse importado além dela.

O que deu errado? Tenho boa aparência e meu pai tem uma das maiores fortunas do país. Decisões cruciais à nação passavam pelo seu crivo. Eu nunca precisei trabalhar. Achava que teria um vidão. Não poderia estar mais errado.



GENERATION LANDSLIDE



Eu ia ao colégio, mas nunca gostei de estudar. Achava que ser o bom no beisebol e quebrar a cara de alguém uma vez ou outra seria o suficiente pra impressionar as garotas. Eu estava certo, tive todas as que eu quis. Até ELA aparecer. Mary Ann. Ela não se impressionava com nada que eu fizesse. Parecia até me desprezar. Eu nunca tinha conhecido rejeição antes. Pela primeira vez na vida eu tinha uma meta real, iria conquistar aquela garota. Só que a ansiedade começou a me fazer mal. Eu suave, ficava nervoso por qualquer razão.

Foi então que começou. Um dia, um rapaz da classe, um desses *nerds* esquisitões, pediu algo emprestado a Mary Ann. Ela foi muito gentil com ele e, em pouco tempo, já conversavam como velhos amigos. Aquilo me incomodou demais. Até então, achava que tinha uma vida perfeita. Nada escapava à minha vontade. Tentei entrar na conversa dos dois. Não poderia ter tido pior idéia. Pareceu que minha chegada deu maior cumplicidade ao casal. Pediram desculpas e se retiraram.

Eu sabia que aquele bobalhão pegava um atalho pelo parque

para ir pra casa. Fui atrás dele. Juro que só queria conversar, tentar entender o que ela via nele que não via em mim. Mas ele foi ríspido, disse que não tinha de dar satisfações sobre sua vida particular. Foi aí que eu o atingi. Acho que foram umas três vezes até ele cair. Ele entrou em pânico, tentou se levantar e correr. Eu segurei seu pescoço. Não pretendia matá-lo, mas ele não tinha bom preparo físico. Com metade da minha força, deu pra ouvir o osso estalando. Quando a cabeça pendeu, eu já tinha percebido o que fizera. Mas quer saber? A sensação foi maravilhosa. Poder sobre alguém, isso não tem preço. Àquela hora da noite, o parque estava bem deserto e não fizemos muito barulho. Sabia que não tinha sido visto. Saí andando tranquilamente, sem correr pra não levantar nenhuma suspeita. Alguém mais tarde não me colocaria na cena do crime, mas por perto.

Sem problema. O dinheiro do meu pai me salvou. Nem sei quem foi a tal testemunha, mas ela sumiu, ou ficou quieta. Meu pai me encheu um pouco por conta dessa história, mas ele não tinha certeza de que tinha sido eu e também não ia querer escândalo porque não pegaria bem para os relacionamentos dele com os bacanas. Então não foi dessa vez.



MARY ANN



A morte do *nerdzinho* permaneceu como um crime insolúvel. Achei que teria o caminho livre pra Mary Ann. Ela até conversava comigo, mas não parecia se sentir muito à vontade. A cada conversa eu ficava mais encantado. Ela era perfeita, e eu a queria. Consegui levá-la para um lanche à tarde. Depois a deixei em casa. Consegui beijá-la no rosto. Quanto mais inacessível ela ficava, mais obcecado eu me tornava. Não tinha mais outro pensamento, era Mary Ann o tempo todo ecoando na minha mente.

Até que, finalmente, ela topou ir ao cinema comigo. Depois poderíamos dar uma volta de carro, antes de levá-la pra casa. Quase não dormi nas noites que antecederam o dia combinado. Pra mim seria o grande dia, a realização do meu sonho maior. Mais uma vez eu estava errado...

NO MORE MR. NICE GUY

O cinema não rolou. Ela disse que iria viajar pra visitar a família numa daquelas cidades pantanosas da Luisiana. Foi quando descobri que ela mentia para mim. Ela fez contato num dia de junho, dizendo que acabara de chegar, mas eu sabia que ela já tinha voltado em maio. A partir daí, as mentiras se multiplicaram. Meu sangue fervia cada vez que ela tentava me enganar. Eu tinha de descontar isso em alguém, mas logicamente não nela. Matar pessoas me dava um certo alívio, muito momentâneo, é verdade. “Kill'em all and let God sort'em out”, não é o que dizem? Passei a ser um instrumento de Deus. Quem sabe se os caras que matei aleatoriamente não tinham dívidas pra ajustar com seus destinos?

Com o tempo, comecei a ficar descuidado. Uma noite, eu passava por uma rua deserta e um cara veio na minha direção. Não fui com a cara dele. Na hora em que passou por mim, enfiei a faca nele e saí andando. Pouco depois, uma viatura da polícia me parou. Estavam à cata de suspeitos. Sem problema. O dinheiro do meu pai me salvou dessa vez também.



UNFINISHED SWEET

Adoro chocolate. Posso comer à vontade sem engordar, mas um dia estava comendo um doce maravilhoso e, de repente, senti a pontada no dente. Não suporto dentistas e suas cadeiras, mas a dor estava forte demais. Marquei uma consulta de emergência. Meu dentista habitual estava em férias, eu não conhecia aquele substituto. Achei que ele me deu pouca anestesia, pedi mais, mas ele disse que seria desperdício. Não agüento sentir dor e estava sentindo muita. Quando reclamei, a resposta foi: “Deixe de se portar como uma menina”. Isso bastou. Arranquei o motorzinho da mão dele e enfiei no olho. Ele gritou. Eu disse “Deixe de se portar como uma menina”, e meti o cotovelo no peito dele, isso travou sua voz. Por falta de imaginação, quebrei o pescoço dele. Saí andando às pressas do consultório, enquanto ligava para o advogado. Sabia que o dinheiro do meu pai me salvaria dessa de novo, mas estava transtornado. De repente, vi uma imagem celestial caminhando em minha direção. Acho até que ela tentou se desviar, mas estava muito perto e não conseguiu. Mary Ann. Era ela.



RAPED AND FREEZIN'

Convidei-a pra me acompanhar. Dessa vez, me abriria com ela. Diria tudo que sentia por ela. Entramos no meu carro e fomos para os arredores da cidade. Paramos numa clareira e as palavras começaram a jorrar. Disse tudo o que sentia por ela, mas não consegui causar grande impressão. Ela disse que até tentava simpatizar comigo, mas que eu não tinha as qualidades que ela procurava numa pessoa. Eu disse que era porque ela ainda não me conhecia o suficiente e tentei beijá-la. Ela me empurrou. Eu a agarrei, disse que ela seria minha de qualquer jeito. Ela tentou se desvencilhar, sem êxito. Pra mim era tudo ou nada, eu a queria e a teria. Naquele momento, percebi que tanto fazia se ela quisesse ou não. Foi aí que ela me atingiu com alguma coisa, sua bolsa, acho. Eu a soltei e ela tentou correr. Eu mergulhei e agarrei seus tornozelos finos. Ela caiu e bateu a cabeça numa pedra.

Quando vi aquele sangue jorrando do crânio, já sabia que tinha feito merda de novo. Mas querem saber? Meus planos não se alteraram. Eu não me importava se ela me queria e, naquele



momento, não me importei se ela estava viva ou não. Eu queria tê-la a qualquer custo e eu a tive ali pela primeira vez. Era uma tarde quente e o contato com sua genitália fria foi refrescante. Após o orgasmo, eu a larguei lá e dei os habituais telefonemas. Mais uma vez o dinheiro do meu pai me salvou.



I LOVE THE DEAD

Mary Ann foi dada como desaparecida. Seu cadáver estava num necrotério como uma Jane Doe, já que eu levei embora todos os documentos que pudessem identificá-la. Eu sabia que o cara que tomava conta lá a noite faria qualquer coisa por um papelote de cocaína, sem perguntas. Foi aí que começou pra valer. Eu levava o pó e ele me deixava a sós com Mary Ann. Eu procurava aproveitar ao máximo nossas noites de amor. Sabia que nem aquela geladeira impediria seu corpo de apodrecer. Trepar com gente morta te dá a impressão de controle total, e isso me agradava muito. O que eu não sabia é que o idiota do morgue não se satisfazia apenas com o pó que eu levava a ele e estava comprando mais com traficantes. A polícia já estava de olho nele e montaram uma campana junto ao administrador do necrotério. Na noite que invadiram para pegá-lo, tinha até um repórter junto.

Eles entraram onde eu estava no momento em que eu ia ter meu orgasmo. Eu me assustei e tirei meu membro daquela buceta quase congelada. O meu esperma voou e atingiu um dos



policiais. Levei uma cacetada e tudo escureceu. O repórter fez a festa. O dinheiro do meu pai não me salvou desta vez.



SICK THINGS

Não conseguiram provar que eu havia matado Mary Ann, mas fui levado a um desses asilos, onde me encheram de remédios. Dava até pra viajar legal e descobri que era fácil enganar aqueles doutores, bastava dizer o que esperavam ouvir da gente. Um dos enfermeiros levava maconha para mim. Eu fumava toda noite. Um dia fui ser entrevistado por um médico e estava chapado. Quando dei por mim, estava com os dedos levantados como se estivesse com um baseado na mão, imediatamente levei a mão até a nuca e comecei a mexer no meu cabelo. O médico não percebeu nada, apenas fazia as perguntas de praxe, se estava me alimentando direito, se evacuava regularmente e tal. Eu respondia automaticamente e ele ficava satisfeito. Nem me lembro quanto tempo fiquei lá, menos de um ano, acho. Os remédios me faziam perder a noção do tempo. Acho que me confinaram lá, menos pelo tratamento e mais pra que meu pai tivesse um tempo para fazer com que as coisas esfriassem, afinal ele tinha de me botar na linha pra que eu seguisse os nobres passos de nossa família. Havia grandes



planos pra mim, mas eu ainda não sabia. Estava internado na clínica com um nome falso. Acho que os jornais que estavam na folha de pagamento do meu pai de vez em quando noticiavam sobre meus estudos e eventuais namoros na Europa. As coisas aos poucos iam se encaixando. Depois de algum tempo, eu já tinha controle total da situação. Até prostitutas vinham me ver à noite. Eu transava com elas e depois as matava.

De manhã, nem sinal dos corpos. Matar gente é igual a comer batata frita, você começa e não consegue mais parar. Mas o mundo tem muita gente. Basta que você mate apenas pessoas que não façam falta para sair incólume. Eu estava aprendendo cada vez mais.



ELECTED

Foi mais ou menos essa a história, ou pelo menos é a maneira como gosto de lembrar. Estou aqui sentado nessa privada e, às vezes, ainda duvido que minha vida tenha transcorrido assim. Principalmente do rumo que ela tomou depois que saí da *madhouse*. Existem três coisas que são essenciais pra ser bem-sucedido: boa aparência, charme e muita grana. Felizmente, eu tinha todas. Não tardou pra que meu sempre esperto e diligente pai resolvesse capitalizar em cima disso, e com isso manter o nobre nome da família no topo.

A mídia é uma coisa maravilhosa. Verdades tornam-se mentiras e vice-versa, num estalar de dedos. Algumas obras filantrópicas e doações substanciais em meu nome, e em pouco tempo, minhas pequenas travessuras e indiscrições já não eram lembradas por mais ninguém e eu continuo sem saber nada de política. Lembram daquele filme do Michael Ritchie, *O Candidato*, com o Robert Redford? Mais ou menos por aí. Depois de uns anos sendo visto como grande filantropo e benfeitor, meu pai achou que era hora de alçar vôos mais altos. Primeiro, o Senado.



Foram dois mandatos bem noticiados com minha criatividade e benevolência. Nem sei do que estavam falando, meus assessores cuidavam de tudo pra mim, eu só tinha de aparecer na TV fazendo charminho e derreter o coração das nossas eleitoras. Depois, a presidência dos EUA, o melhor emprego do mundo. Se Teddy Kennedy tivesse tomado lições conosco, ninguém nem se lembraria onde ficava Chappaquiddick. De repente, toda a mídia me impunha como a pessoa melhor talhada para o cargo, como um príncipe educado desde a infância pra esse posto.

As prévias foram um passeio. Eu simplesmente era a única opção dos republicanos. Nem me lembro quem era o candidato dos democratas. A vitória foi esmagadora. Eu, um *serial killer* dependente de psicotrópicos no leme da nação! Houve uma grande festa, com os amigos e correligionários enviados por meu pai. Mas agora estou aqui na minha privada, fazendo minha própria comemoração e reflexão sobre tudo o que se passou.

Já estou familiarizado com a Casa Branca. Frequento o 1600 da avenida Pennsylvania desde garoto. Mas tem um aposento onde nunca estive, nem sei se existe mesmo ou se é lenda. É a famosa sala com o botão vermelho. *Defcon 1* ou seja lá como se chama. Os mísseis nucleares que só o presidente pode lançar. Talvez precise de algum código de algum general, mas isso é



fácil de se conseguir com uma *Desert Eagle* calibre 50 apontada pra cabeça da esposa ou do filho dele.

Esse vai ser o primeiro e talvez meu único ato como presidente. A vida sem Mary Ann não faz sentido pra mim, mesmo que fosse apenas com seu cadáver. Ela foi enterrada sem lápide, num local desconhecido pra que eu não tivesse nenhuma idéia inconveniente. Estou até babando aqui. Daqui a pouco, visto meu terno mais vistoso e vou procurar essa maldita sala e apertar essa merda.

GOD, I FEEL SO STRONG!



FIM

BILLION
DOLLAR BABIES

SOBRE A BANDA

Nascido em Detroit, 1948, Vincent Furnier formou suas primeiras bandas na década de 60 e, em 1969, fundou o Alice Cooper com Mike Bruce e Glen Buxton (guitarras), Dennis Dunaway (baixo) e Neil Smith (bateria). A carreira do grupo começou a decolar quando o produtor Bob Ezrin teve a idéia das performances diabólicas nas apresentações. O sucesso definitivo chegou com os álbuns *Love It to Death* (1971) e *School's Out* (1972), seguido por *Billion Dollar Babies* (1973), que os levou ao topo das paradas. O abuso de drogas e álcool de Vincent levou o grupo a seguir carreira sem ele, mudando o nome do grupo para Billion Dollar Babies. Vincent adotou o nome Alice Cooper e seguiu carreira solo, criando outros clássicos do *hard, glam* e *heavy rock* regados a performances teatrais. Vincent continua a fazer shows ao redor do mundo até hoje.

CRÉDITOS ORIGINAIS

BILLION DOLLAR BABIES - ALICE COOPER

Direção de arte por Pacific Eye & Ear com

Greg Allen, Hugh Brown e David P. Bailey

Fotografia de David P. Bailey

Lançado em março de 1973

Selo: Warner Bros. Records

Produzido por Bob Ezrin

Para mais informações sobre Alice Cooper, visite:

www.alicecooper.com



BILLION
DOLLAR BABIES

SOBRE O AUTOR

hansenharryebm é a mente perturbada por trás da banda Harry, pioneiros do rock eletrônico no Brasil. Também cuida do Bad Cocks, projeto-solo com influências do *synthpop*, *techno* e industrial. Embora sempre tenha demonstrado seu estilo de escrever polêmico (amostras podem ser checadas em seu *blog* “O bastião da EBM”), esta é sua primeira incursão na ficção.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.



39 BILLION DOLLAR BABIES

ALICE COOPER

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. HELLO, HOORAY
2. RAPED AND FREEZIN'
3. ELECTED
4. BILLION DOLLAR BABIES
5. UNFINISHED SWEET
6. NO MORE MR. NICE GUY
7. GENERATION LANDSLIDE
8. SICK THINGS
9. MARY ANN
10. I LOVE THE DEAD

